



**A produção  
de Cereja  
na Cova da Beira  
Cadernos  
temáticos** **DRAPCentro**

## CADERNOS TEMÁTICOS DRAPCentro

N.º 1 | julho de 2021

### Diretor

Fernando Martins

### Autor deste número

Fernando Delgado

### Fotos

Arquivo DRAPCentro e Pixabay

### Edição

Direção Regional de Agricultura e Pescas do Centro

Rua Amato Lusitano, lote 3

6000-150 Castelo Branco

[drapc@drapc.gov.pt](mailto:drapc@drapc.gov.pt) | [www.drapc.gov.pt](http://www.drapc.gov.pt)

edição eletrónica

[www.drapc.gov.pt/base/cadernos.php](http://www.drapc.gov.pt/base/cadernos.php)

# Cadernos temáticos DRAPCentro

## A produção de Cereja na Cova da Beira



Editorial	3
Síntese	4
1. Enquadramento internacional	5
2. A produção de cereja em Portugal	7
3. A cultura da cerejeira na Cova da Beira	9
3.1 Enquadramento	9
3.2 Apoios ao investimento	13
3.3 Calendário de produção e cotações	15
3.4 A organização da fileira e os circuitos comerciais	16
4. Comércio externo	19
Referências	20



# Editorial

A publicação dos Cadernos Temáticos DRAPCentro, que iniciamos com este número, pretende constituir-se como um instrumento de auxílio aos nossos *stakeholders*, sejam eles pequenos agricultores, jovens agricultores, empresários, investidores, estudantes e comunicação em geral, facultando informação mais precisa e fiável.

Acreditamos genuinamente que a proximidade e a disponibilização de informação e conhecimento são dimensões essenciais ao estabelecimento de relações duradouras e de confiança. Ousamos por isso com esta iniciativa dar expressão à visão da nossa organização – acrescentar valor à nossa agricultura e pescas.

Com os cadernos temáticos que ora iniciamos pretendemos contribuir para o aprofundamento e estímulo ao debate sobre a evolução de um determinado setor, desenvolvido em torno de duas linhas de conteúdos. Uma focada na região centro, sobre o qual se disponibiliza um conjunto de informação estatística centrada na região; avaliação de impacto dos apoios públicos ao investimento na fileira e uma nota sobre a sua organização e circuitos comerciais. Outra focada na globalização dos mercados e oportunidades que lhe estão subjacentes.

Três notas a destacar da análise deste caderno temático centrado na produção de cereja na Cova da Beira:

Um aumento muito expressivo da área e produção de cereja na Cova da Beira nas últimas três décadas, acompanhado de uma progressiva profissionalização do setor. Esta evolução traduz uma alteração da tipologia da cultura de tipo familiar para uma agricultura com gestão empresarial, com pequena expressão no número de explorações, mas com um significado crescente na área e no volume de produção.

As explorações frutícolas que recorram a apoios públicos ao investimento assentam num modelo de especialização produtiva, com prevalência das prunóideas e em que os jovens agricultores têm um papel determinante. Em termos absolutos, no PDR2020 foram aprovados 2 480 projetos com investimentos na plantação de cerejeiras e/ou com investimentos diretamente ligados a esta espécie frutícola, atingindo um investimento elegível de cerca de 15,2 milhões de euros e um apoio público ao investimento de cerca de 7,2 milhões de euros.

Apesar desta evolução, a fileira ainda apresenta algumas fragilidades, onde é necessário investir, nomeadamente na sua organização e promoção de uma via de transformação agroindustrial que permita a valorização de excedentes e da produção afetada por acidentes climáticos. Para além dos apoios aos seguros agrícolas, os recentes apoios específicos à instalação de coberturas são um primeiro sinal na tentativa de mitigação deste risco.

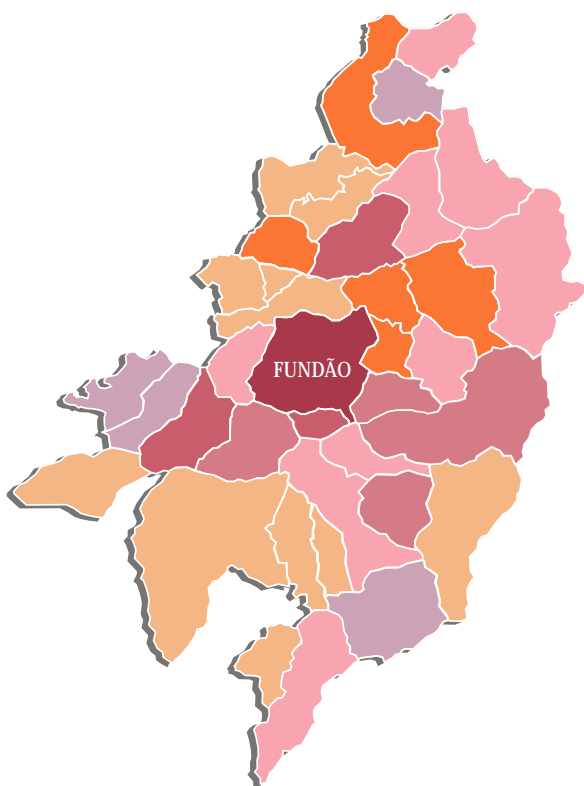
Uma nota final sobre a importância que a tecnologia e inovação vão desempenhar no imediato na modernização do setor.

**FERNANDO MARTINS**  
Diretor Regional de Agricultura e Pescas do Centro

# Síntese

***A produção anual de cereja no continente ronda as 19 000 toneladas, numa área de cerca de 6 450 ha e abrangendo cerca de 11 100 explorações.***

***A Cova da Beira é a mais importante zona de produção de cereja do país.***



A EU-27 é responsável por cerca de ¼ da produção mundial de cereja que, no quinquénio 2015-2019, atingiu as 2,4 milhões de toneladas. Os principais países produtores são a Turquia, os EUA e o Chile e, na UE, a Itália, a Espanha e a Grécia.

A produção anual de cereja no continente ronda as 19 000 toneladas, numa área de cerca de 6 450 ha e abrangendo cerca de 11 100 explorações. Apesar de a cultura estar presente num número significativo de explorações agrícolas do continente, a produção concentra-se em alguns territórios do interior norte e centro. É também nestas regiões que se verificou nas últimas décadas um importante incremento de explorações especializadas na produção de cereja, com utilização de novas cultivares e de novas tecnologias num modelo de produção empresarial.

Historicamente a encosta norte da serra da Gardunha constitui o núcleo central da cultura da cerejeira na Cova da Beira. Esta situação sofreu uma longa evolução, mas a influência desta montanha continua a ser determinante na compreensão da importância da cultura nas zonas limítrofes.

A Cova da Beira é a mais importante zona de produção de cereja do país, quer pelo volume de produção, quer pela área, mas também pela evolução dos indicadores tecnológicos associados à cultura, reveladores de um elevado grau de especialização das “novas” explorações, quase sempre associadas a outras culturas frutícolas, nomeadamente prunóideas, que coexistem num universo muito significativo de explorações de menor dimensão, de tipo familiar, que constituem o legado histórico da produção de cereja na encosta norte da serra da Gardunha.

Na Cova da Beira, incluindo as freguesias do concelho de Castelo Branco a sul da Gardunha, as explorações frutícolas que recorrem a apoios públicos ao investimento assentam num modelo de especialização produtiva, com prevalência das prunóideas e em que os jovens agricultores têm um papel determinante.

A produção de cereja na Cova da Beira estende-se do início de maio a meados de julho, com cotações tendencialmente decrescentes ao longo do ciclo produtivo, mas com variações pontuais em função da qualidade da oferta e dos agentes económicos envolvidos na fileira.

Estima-se que o valor da fileira da cereja da Cova da Beira, incluindo o seu impacto na economia regional, atinja cerca de 20 a 25 milhões de euros anuais. A produção é regulada por duas Indicações Geográficas Protegidas e dispõe de Organizações de Produtores reconhecidas, mas é dependente de circuitos de comercialização cuja maioria dos agentes atuam à margem destas estruturas organizadas.

O comércio externo nacional de cereja é caracterizado por um volume de importações relativamente elevado (cerca de 20 % da produção nacional) e por exportações com valores residuais.

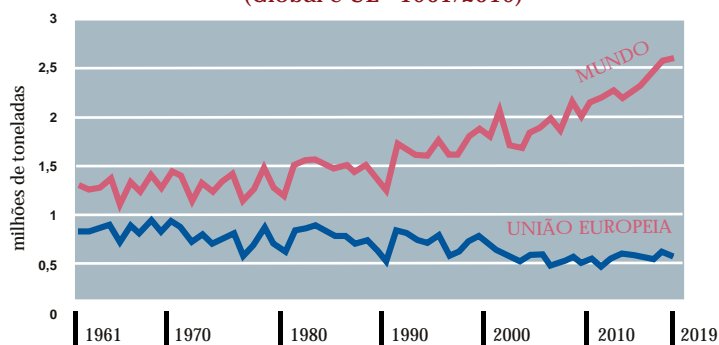
# Enquadramento internacional

**A EU-27 é responsável por cerca de ¼ da produção mundial de cereja que, no quinquénio 2015-2019, atingiu as 2,4 milhões de toneladas. Os principais países produtores são a Turquia, os EUA e o Chile e, na UE, a Itália, a Espanha e a Grécia.**

A produção mundial anual de cereja<sup>1</sup> é de cerca de 2.4 milhões de toneladas (média de produção 2015/2019), revelando uma tendência de crescimento contínuo ao longo das últimas 6 décadas e sobretudo após a década de 1990, apesar de significativas oscilações anuais. Em contraponto, a evolução na EU-27 é de decréscimo, fixando-se numa produção média de cerca de 573 000 toneladas no período 2015/2019 (Gráfico 1).

O principal país produtor (Quadro 1) é a Turquia (a partir de uma área de cerca de 83 400 ha), seguindo-se os EUA (cerca de 35 000 ha, localizados nos estados de Washington, Califórnia, Oregon e Michigan), o Chile (cerca de 23 000 ha, sobretudo na zona de Vale Paraíso, mas também em microclimas da zona de Santiago do Chile e

Gráfico 1 - Evolução da produção anual de cereja (Global e UE - 1961/2019)



Fonte: FAO, consulta BD abril/2021

<sup>1</sup>A utilização do termo «cereja», exceto referência expressa em contrário, designa sempre «cereja doce» (*sweet cherry*) nas diversas cultivares da espécie *prunus avium*. Consideram-se, assim, excluídas daquela designação as «ginjas», «cerejas ácidas», «cerejas amargas», «cerejas azedas» (*sour cherry*) da espécie *prunus cerasus*. Note-se que as produções mundiais anuais de *sweet cherry* e de *sour cherry* atingem cerca de 2,4 e 1,1 milhões de toneladas, respetivamente.

Quadro 1. Principais países produtores de cereja na última década (2010/2019)

1 000 toneladas

Anos/países	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2010/14	2015/19
Turquia	418	439	471	494	446	536	600	627	640	664	453	613
EUA	284	303	385	301	330	307	315	397	312	321	321	331
Chile	60	86	69	81	114	117	155	120	228	234	82	171
Uzbequistão	75	56	62	70	80	90	110	137	172	176	69	137
Irão	228	245	253	279	134	136	140	136	89	128	228	126
Itália	115	113	105	131	111	111	95	118	115	99	115	108
Espanha	85	102	97	97	118	94	101	114	107	118	100	107
Grécia	45	49	47	48	70	75	83	81	89	82	52	82
Ucrânia	73	73	73	81	67	77	63	71	85	69	73	73
Síria	58	62	82	62	54	54	54	68	61	66	64	61
Roménia	70	82	71	80	83	76	74	58	49	39	77	59
Bulgária	25	30	20	38	33	49	38	48	55	55	29	49
Polónia	40	38	41	48	48	48	54	20	60	44	43	45
Rússia	67	76	72	78	77	42	43	37	46	49	74	43
China	29	31	31	33	34	37	38	39	41	42	32	39
França	44	45	28	36	47	42	35	40	29	32	40	36
Libano	24	21	23	22	25	27	32	45	40	29	23	35
Alemanha	31	37	23	24	40	31	29	17	44	45	31	33
Canadá	10	11	16	12	16	18	18	27	26	22	13	22
Sérvia	22	29	18	23	20	23	21	27	19	17	22	21
Albânia	13	14	17	19	18	20	19	19	19	20	16	19
Japão	20	20	18	18	19	18	20	19	18	16	19	18
Portugal	10	13	10	11	11	18	17	20	17	19	11	18
Produção Mundial	2 026	2 186	2 219	2 309	2 222	2 283	2 366	2 495	2 609	2 638	2 192	2 478

Fonte: FAO. Dados da consulta à BD em abril/2021

em climas extremos da Patagónia, com elevadíssimos riscos de geadas e chuvas nas épocas de floração e colheita, mas que permitem prolongar a produção muito para além do calendário normal), o Uzbequistão (cerca de 12 000 ha), o Irão (cerca de 28 000 ha), a Itália (cerca de 29 000 ha, localizados nas regiões de Puglia e Campânia, a sul, e nas regiões de Emília-Romana e Veneto, a norte), a Espanha (cerca de 27 000 ha, localizados na Extremadura - Vale de Jerte -, Aragão, Catalunha, Andaluzia – Granada - e Valência - Alicante), a Grécia (cerca de 16 000 ha) e a Ucrânia (cerca de 12 000 ha).

No que diz respeito ao comércio mundial, no quinquénio 2014/2019, as exportações atingiram cerca de 703 000 t (cerca de 30 % da produção global) e um valor de cerca de 3,06 mil milhões USD<sup>2</sup>.

Os principais países exportadores, no quinquénio referido, são o Chile (cerca de 137 000 t e 900 milhões USD, tendo como destino essencialmente a China, a Europa e a Rússia), a China e os EUA (cerca de 101 000 t e 449 milhões USD, cada), a Turquia (cerca de 72 000 t e 162 milhões USD) e a Espanha (cerca de 25 000 t e 76 milhões USD). Portugal ocupa a 51ª posição, com exportações médias anuais de cerca de 96 t e um valor de 254 000 USD.

<sup>2</sup> Valores na moeda da BD da FAO (1 USD • 0,83€)

A característica comum a quase todos os países, com algumas exceções (com o Chile em destaque - exporta cerca de 80% da produção interna), revela-se no facto da produção se destinar prioritariamente ao consumo doméstico de cada um desses países.

Relativamente às importações (média do período 2015/2019), o principal país importador é a China (cerca de 267 000 t e 1 700 milhões USD), seguindo-se a Rússia (cerca de 67 000 t e 99 milhões USD) e a Alemanha (cerca de 45 000 t e 121 milhões USD). Neste ranking, Portugal ocupa a 24ª posição, com valores de cerca de 3 000 t e de 8 milhões USD.

No âmbito da «cereja ácida», a produção mundial é de cerca de 1,1 milhões de toneladas, concentrada nos países do leste europeu. Os principais países produtores, por ordem decrescente, são a Turquia, a Rússia, a Polónia, a Ucrânia, o Irão, os EUA, a Sérvia e a Hungria.☐

A produção, quase exclusivamente dirigida à indústria transformadora (quer para a obtenção de produtos alimentares finais, quer para obtenção de produtos intermédios para confeitaria e outros subsectores alimentares, para além de alguns produtos de reconhecido valor acrescentado – *kirsch*na Alemanha ou, a nível nacional, a *ginjinha de Óbidos*, entre outros), tem variações anuais significativas, o mesmo acontecendo com os preços de mercado.

**Portugal ocupa a 24ª  
posição dos países  
importadores de cereja,  
com valores de cerca de  
3 000t e de 8 milhões  
USD.**



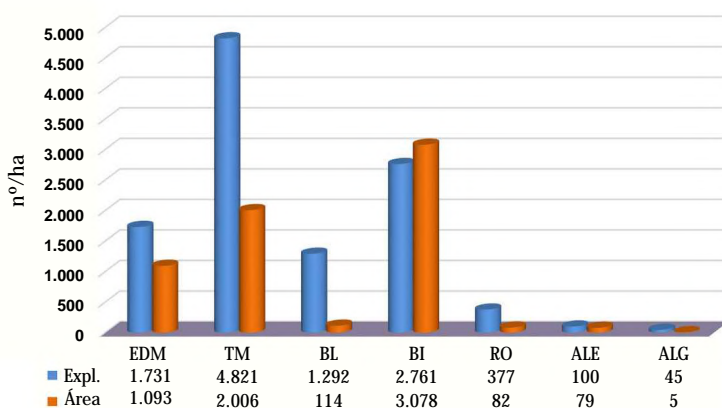


## 2. A produção da cereja em Portugal



**A produção anual de cereja no continente ronda as 19 000 toneladas, numa área de cerca de 6 450 ha e abrangendo cerca de 11 100 explorações. Apesar de a cultura estar presente num número significativo de explorações agrícolas do continente, a produção concentra-se em alguns territórios do interior norte e centro. É também nestas regiões que se verificou nas últimas décadas um importante incremento de explorações especializadas na produção de cereja, com utilização de novas cultivares e de novas tecnologias num modelo de produção empresarial.**

Gráfico 2 - Explorações e superfícies por região agrícola (INE, 2019)



De acordo com os dados mais recentes, existem no continente 11 127 explorações com cerejeiras ocupando uma superfície de 6 457 ha, com uma área média por exploração de cerca de 0,58 ha, mas com uma distribuição muito assimétrica entre regiões agrárias (Gráfico 2).

Estes dados estruturais traduzem algumas das características da cultura nos sistemas de produção do continente.

Desde logo pelas exigências agroecológicas da espécie que condicionam ou mesmo excluem a aptidão para a cultura de algumas das regiões (principalmente o litoral e zona sul do continente), concentrando os pomares em duas regiões (norte e centro), que, em conjunto, detêm cerca de 95 % das explorações do continente e cerca de 97 % da respetiva área.

Depois porque na esmagadora maioria das explorações em que se regista a cultura estamos em presença de uma produção não comercial, para autoconsumo, como é bem visível na região agrícola da Beira Litoral (882 m<sup>2</sup> de área média por exploração).

Finalmente porque se trata de uma cultura que, pelo peso que têm os custos de mão-de-obra na colheita<sup>3</sup>, está associada maioritariamente a pequenas explorações de tipo familiar.

Numa análise mais fina verifica-se que, mesmo nas regiões em que tem maior importância, a cultura se restringe a zonas específicas das regiões agrárias<sup>4</sup>, como são os casos da Cova da Beira, de Resende e de Alfandega da Fé.

<sup>3</sup> Muito variável, mas para a generalidade das explorações, entre 0,55 € e 0,85 €/kg de cereja.

<sup>4</sup> De acordo com o SIMA (Sistema de Informação de Mercados Agrícolas – Gabinete de Planeamento e Políticas), os «mercados de produção» de cereja são: Cova da Beira e Montes da Senhora (série descontinuada), na Beira Interior; Resende, em Entre Douro e Minho; Alfandega da Fé, em Trás-os-Montes; Portalegre, no Alentejo.

Os dados globais do continente entre censos (1989-2019) apontam para um crescimento quer do número de explorações quer da respetiva área, mas com diferenças significativas entre regiões agrárias (Gráfico 3).

De facto verifica-se um crescimento contínuo de explorações do continente entre cada um dos quatro recenseamentos, acentuando-se na última década (2009-2019), mas a intensidade deste crescimento resulta sobretudo do aumento do número de explorações das regiões agrárias em que a cultura tem menos impacto – por exemplo, na última década, o crescimento do nº de explorações no continente foi de 25,5 %, mas a variação nas diferentes regiões agrárias foi muito diferenciada: 65,3 % em Entre Douro e Minho, 46,5 % na Beira Litoral, 39,1 % no Ribatejo e Oeste e apenas 5,2 % na Beira Interior.

De igual modo, no que diz respeito às superfícies, verificam-se crescimentos entre os diferentes recenseamentos, mas mais acentuados nos períodos 1989-1999 e 2009-2019. Para a última década, o crescimento no continente foi de 20,7 %, com especial relevância para o verificado na Beira Interior (40,5 %).

Como se referiu, a região centro<sup>5</sup> detém cerca de 2/3 das explorações do continente e cerca de metade da respetiva área, mas é na Beira Interior (1/3 das explorações e 48 % da área do continente) e em particular na Cova da Beira que se verificam indicadores mais significativos - apenas 13 % das explorações do continente, mas 41 % da respetiva área em 2019, com um crescimento que multiplicou por 2,4 as superfícies de cerejeiras nas últimas três décadas, acompanhado de uma duplicação da área média por exploração (de 0,98 ha para 1,8 ha) e um crescimento ainda mais acentuado da produção total.

Estes indicadores traduzem também a alteração verificada das explorações frutícolas, com um incremento significativo na especialização produtiva, com o aumento da dimensão dos pomares, a introdução de novas cultivares e a adoção de tecnologias de produção mais intensivas e mais produtivas. Estas alterações acabaram por concentrar a produção de cereja em explorações de maior dimensão económica, sobretudo na Beira Interior (Gráfico 4).

Finalmente, tomando como referência a utilização de rega na cultura como um indicador de um determinado grau de intensificação tecnológica, verifica-se que apenas cerca de 36 % das explorações do continente utilizam rega, mas elas correspondem a cerca de 64 % da respetiva área, isto é, quase 2/3 da superfície de cerejeiras.

Gráficos 3.  
Evolução do nº de explorações e respetivas áreas (1989-2019)

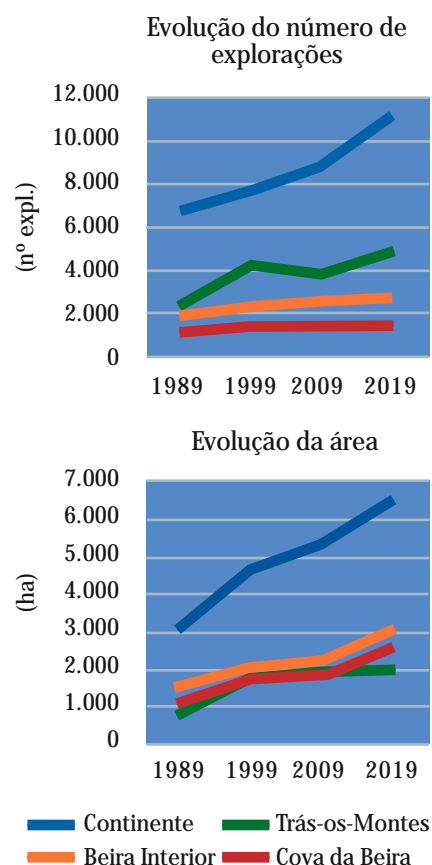
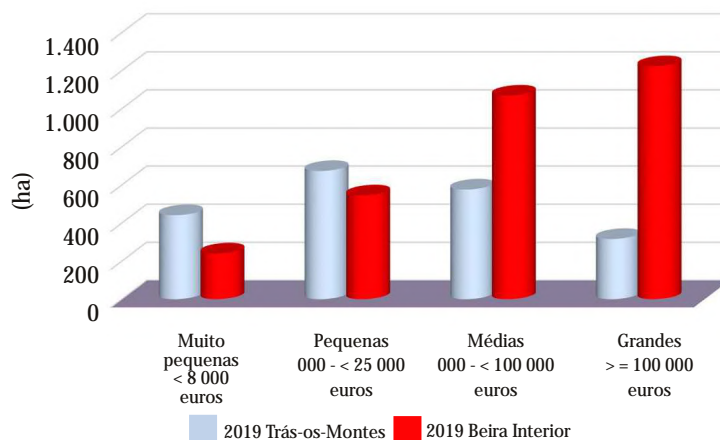


Gráfico 4.  
Superfície de cerejeiras por classes de dimensão económica das explorações agrícolas na Beira Interior e em Trás-os-Montes

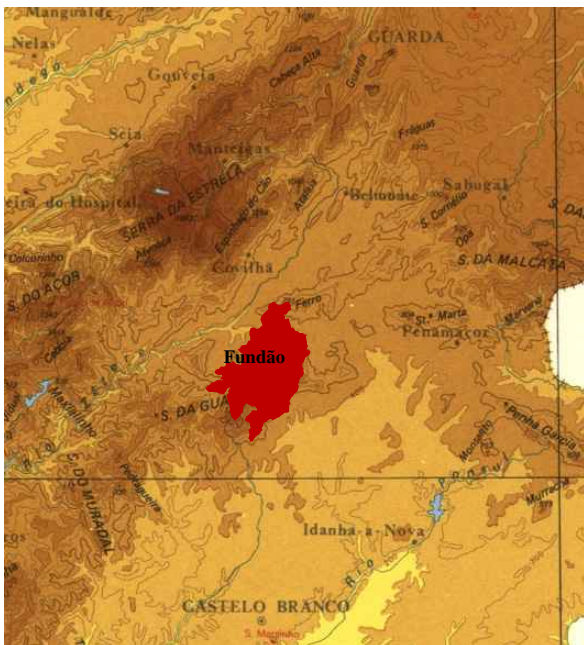


<sup>5</sup> Todas as referências à Região Centro dizem respeito à área geográfica da DRAPCentro (77 concelhos) e não à Nut II Região Centro (100 concelhos)

### 3. A cultura da cerejeira na Cova da Beira

**Historicamente <sup>6</sup> a encosta norte da serra da Gardunha constitui o núcleo central da cultura da cerejeira na Cova da Beira. Esta situação sofreu uma longa evolução, mas a influência desta montanha continua a ser determinante na compreensão da importância da cultura nas zonas limítrofes.**

Figura 1. Enquadramento geográfico das principais freguesias produtoras de cereja a norte e sul da serra da Gardunha



<sup>6</sup> Segundo a DGDR: «A presença da cultura na região e a reputação da cereja [...] estão documentadas desde há séculos, mantendo-se ininterruptas até aos dias de hoje. Em 1845, em carta publicada na Revista Universal Lisbonense, Fernando Ornellas referia que “colhemos (...) fructas do mais exquisiteso gosto; como são peras, maçãs, gijãs garralães, cerejas, e ameixas nos concelhos de Alpedrinha, Fundão e Covilhã”. Em 1848, na publicação Orologia da Gardunha, José Inácio Cardoso menciona a presença de pomares de cerejeira nas “povoações” de Alcaide, Donas, Fundão, Souto da Casa, Vale de Prazeres e Castelo Novo, hoje pertencentes ao concelho do Fundão. Em 1915, em artigo publicado na revista Broteria - Série de vulgarização científica, refere-se que, apesar de serem produzidas cerejas um pouco por todo o país, “as de maior nomeada são quicã as do Fundão”[...]»

### 3.1 Enquadramento

**A Cova da Beira é a mais importante zona de produção de cereja do país, quer pelo volume de produção, quer pela área, quer sobretudo pela evolução dos indicadores tecnológicos associados à cultura, reveladores de um elevado grau de especialização das “novas” explorações, quase sempre associadas a outras culturas frutícolas, nomeadamente prunóideas, que coexistem num universo muito significativo de explorações de menor dimensão, de tipo familiar, que constituem o legado histórico da produção de cereja na encosta norte da serra da Gardunha.**

A evolução da cultura na Cova da Beira seguiu as tendências mundiais, embora com alguns anos de atraso. De facto, a nível mundial <sup>7</sup>, nas décadas de 1960 e 1970, a dificuldade da produção de cerejas doces para o mercado em fresco residia essencialmente nos elevados custos da mão-de-obra associada à colheita e muito dependente dos sistemas de produção dominantes: árvores vigorosas, com copas muito grandes, em que a colheita era efetuada a partir de escadas.

A partir da década de 1980, em resultado de diversos programas de investigação em todo o mundo, mas principalmente nos EUA e na Europa (Itália e França), começaram a ser utilizados porta-enxertos ananizantes ou semi-ananizantes e sistemas de condução que levaram a uma intensificação da cultura e a uma diminuição da mão-de-obra, ao permitir uma colheita a partir do solo («pomares pedestres») ou com estruturas mecanizadas de apoio à colheita. As densidades nos pomares então instalados cresceram significativamente, ao mesmo tempo que a altura das árvores diminuía para 2,5 a 4 m, permitindo também a introdução de novas tecnologias de produção, como poda mecanizada, as proteções contra a chuva, o granizo e as aves.

Esta transformação ocorreu também na Cova da Beira a partir da década de 1980 e com algumas características importantes. Numa primeira fase, a transformação

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, Geza Bujdosó e Karoly Hrotko, Cherry Production. 2018.

tecnológica deu-se nos pomares existentes, através de podas severas e reenxertias, de modo a baixar a copa das árvores e introduzir novas cultivares, seguindo-se, numa segunda fase, a reestruturação dos pomares com arranque das árvores existentes e a sua substituição por pomares mais intensivos e com recurso a porta-enxertos menos vigorosos e com novas cultivares.

A enumeração das cultivares e a variação do seu peso relativo na produção total ao longo das últimas décadas traduz elementos de inovação e a necessidade de viabilização económica da cultura e de resposta ao mercado, mas é de difícil concretização. Às cultivares iniciais de antes da década 80<sup>8</sup> (Roxa, Lisboaeta, *Maring*, *Saco*<sup>9</sup>, *Mirandela*, *Napoleão Pé Curto*, *Napoleão Pé Comprido*, *Morangão*<sup>10</sup>, etc.), foram sucessivamente adicionadas nas décadas posteriores outras cultivares<sup>11</sup> como a *B. Burlat*, *Bing*, *Hedelfingen*, *Brooks*, *Summit*, *Sunburst*, *Van*, etc.

Atualmente<sup>12</sup>, as principais cultivares são *B. Burlat*, *Bigi*, *Brooks*, *Celeste*, *Cristalina*, *Duroni*, *Early*, *Earlise*, *Folfer*, *Lapins*, *Marvin*, *Prime-Giant*, *Reverchon*, *Rita*, *Saco* (mais representativa na região), *Sat In*, *Symphony*, *Skena*, *Stacatto*, *Sunburst*, *Sweetheart* e 4-84.

Salienta-se a cultivar de Saco, considerada uma cultivar regional, de «*porte retombante, de ramificação média e com uma boa compatibilidade com porta-enxertos vigorosos. Apresenta uma floração tardia, 10 dias após a Burlat e uma maturação também tardia. É uma cultivar extremamente produtiva com uma boa resistência ao rachamento e ao transporte. O fruto é de peso e calibre médio, cordiforme, de cor púrpura e com um pedúnculo grande que facilita a colheita. A polpa é de coloração vermelha escura de suculência mediana com elevado índice refratométrico e um nível de acidez médio.*»<sup>13,14</sup>

<sup>8</sup> Designações locais que nem sempre corresponderam a uma cultivar bem determinada.

<sup>9</sup> Cultivar regional de grande implantação na Cova da Beira.

<sup>10</sup> Cultivar típica das cotas mais elevadas (600-700 m) da encosta norte da serra da Gardunha.

<sup>11</sup> Ver, por exemplo: Dias, Cláudia Sofia. *A fileira da Cereja da Cova da Beira*. IPCB/ESA, 2012;

<sup>12</sup> De acordo com a CERFUNDÃO, *site*.

<sup>13</sup> Costa, Filipe M. Martins (2006). *Avaliação das características agrónomicas da cerejeira 'de Saco' na região da Cova da Beira*. UTL-ISA.

<sup>14</sup> Rodrigues, L. C. (2004). *Caracterização morfológica e morfométrica de variedades portuguesas de cerejeira e ginjeira*. COTHN. Alcobaça.

Contudo, a significativa introdução de pomares intensivos, com recurso a porta-enxertos ananícantes ou semi-ananícantes<sup>15</sup> e novas cultivares mais produtivas e com cerejas de maior calibre, só ocorreu mais tarde (final do sec. XX e início deste século, com especial incidência na última década) e originou uma introdução da cultura em zonas em que antes a presença de pomares de cerejeiras era muito reduzida.

Esta expansão da área de cerejeiras na Cova da Beira, que anteriormente era dominada pela encosta norte da serra da Gardunha<sup>16</sup>, dirigiu-se para zonas com cotas inferiores, quer a norte quer a sul da serra da Gardunha e teve como principal alvo a instalação de pomares com dimensões que permitem a utilização otimizada de alguns dos fatores limitantes da rentabilidade da cultura, nomeadamente a mão-de-obra na colheita, a mecanização das operações culturais e a rega.

Note-se que esta evolução traduz uma alteração da tipologia da cultura de tipo familiar para uma agricultura com gestão empresarial, com pequena expressão no número de explorações, mas com um significado crescente na área e no volume de produção, isto é, trata-se ainda de uma atividade predominantemente associada a pequenas explorações, em que a mão-de-obra familiar é determinante, mas com crescente importância na produção global de novas explorações empresariais, vocacionadas para novos mercados e sobretudo para circuitos comerciais organizados.

A evolução, resumidamente descrita, para além de traduzir um significativo grau de profissionalização do setor associada à instalação dos novos pomares intensivos e a uma especialização das explorações (especialização em prunóideas, nomeadamente cereja, pêssego, damasco e ameixa) e empresarialização de parte significativa dos produtores (em termos de volume de produção e de modelos de gestão), também reflete os avanços tecnológicos da cultura, anteriormente

<sup>15</sup> Ver, por exemplo, Dia de Campo. *Novos Porta-Enxertos e Variedades de Cerejeira*. COTHN, 2004.

<sup>16</sup> Note-se que por via de um endemismo (*Asphodelus bento-rainhae*) a serra da Gardunha é um Sítio de Interesse Comunitário (ver RCM nº 142/97 e Anexo IV da Diretiva Habitats), podendo existir algum conflito entre a expansão da área de cerejeiras e a preservação da espécie. A este respeito ver, por exemplo, Rodrigues, Isabel Maria; Sabino Gil, Fabíola; Ponce Dentinho, Tomaz. *Trade-offs between cherry production and endemism conservation in Serra da Gardunha, Portugal*. Revista Portuguesa de Estudos Regionais, núm. 20, 2009, pp. 119-126.

referidos, mas em particular os referentes a algumas características das cultivares associadas à menor exigência de horas de frio que permitiu a expansão da cultura para “fora” da encosta norte da serra da Gardunha, onde foi possível encontrar uma estrutura fundiária que permite uma produção mais intensiva e com algumas economias de escala (Quadro 2).

Na Beira Interior, na zona de influência da Cova da Beira (concelhos limítrofes), a produção de cereja tem alguma expressão nos concelhos de Castelo Branco <sup>17</sup> (150,5 ha, com especial incidência nas freguesias de Póvoa de Rio de Moinhos e Cafede, Lardosa, Louriçal do Campo, S. Vicente da Beira e Tinalhas), da Guarda (90,3 ha, com especial incidência nas freguesias de Faia, Aldeia Viçosa, Vela e Vila Garcia) e Penamacor (12,5 ha, com especial incidência na freguesia de Benquerença).

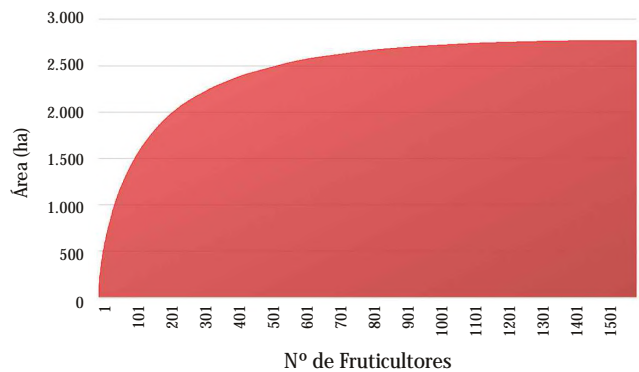
Na região centro, fora da zona de influência da Cova da Beira, existem áreas de cerejeiras com alguma expressão nos concelhos de Proença-a-Nova (59,8 ha, com especial incidência na freguesia de Montes da Senhora e na freguesia de Sobreira Formosa e Alvito da Beira).

Saliente-se que do ponto de vista de associação da espécie aos mais diversos tipos de agricultura e

sistemas culturais, é interessante verificar que em 76 dos 77 concelhos da região centro foram registadas áreas de cerejeiras (embora apenas 15 desses concelhos tenham áreas superiores a 10 ha)<sup>18</sup>, o que revela uma acentuada tendência de produção para autoconsumo a nível regional.

No gráfico 5 explicita-se esta característica da cultura associada a um elevado número de explorações, mas também a concentração crescente da atividade como resultado de uma especialização produtiva e de uma expansão da cultura para novas áreas de produção. O facto das 50 maiores explorações de cereja da Cova da Beira <sup>19</sup> deterem cerca de 37 % da área total de pomares de cerejeiras (e as 100 maiores deterem cerca de 52 %) é demonstrativo desta realidade.

**Gráfico 5. Grau de concentração dos pomares de cerejeiras\***



\* Estimativa para 2019 baseada em diversas fontes para os concelhos de Belmonte, Covilhã, Fundão e Castelo Branco

<sup>17</sup> Note-se que estas freguesias prolongam a sul da serra da Gardunha a área de cerejeiras da Cova da Beira. Trata-se na sua maioria, como referido, de indicadores de expansão da área de cerejeiras para zonas de maior disponibilidade de terra e com introdução de sistemas intensivos ou semi-intensivos de produção. É também nestas zonas que se concentram as “novas” explorações de tipo empresarial, com áreas contínuas significativas e com recurso a tecnologias de produção de tipo intensivo.

<sup>18</sup> De acordo com o Recenseamento Agrícola, 2019, INE.

<sup>19</sup> Incluindo o concelho de Castelo Branco (freguesias a sul da serra da Gardunha).

**Quadro 2 - A região centro e a Cova da Beira nas explorações e superfícies de cerejeira do Continente**

Âmbito geográfico	Explorações					Área				
	nº	%	%	%	%	ha	%	%	%	%
Continente	11 563	100	-	-	-	6 487	100	-	-	-
Outras regiões	7 510	65	-	-	-	3 296	51	-	-	-
Região Centro/DRAPCentro	4 053	35	100	-	-	3 191	49	100	-	-
Beira Litoral	1 292	-	32	-	-	114	-	4	-	-
Beira Interior	2 761	-	68	100	-	3 078	-	96	100	-
Cova da Beira	1 447	-	-	52	100	2 617	-	-	85	100
Belmonte	73	-	-	-	5	73	-	-	-	3
Covilhã	355	-	-	-	25	502	-	-	-	19
Fundão	1 019	-	-	-	70	2 042	-	-	-	78
Outros concelhos da Beira Interior	1 314	-	-	48	-	461	-	-	15	-

Por outro lado, a clara prevalência de pequenas áreas da cultura na maioria das explorações acaba por se traduzir na reduzida área média por exploração. A produção de cereja está particularmente associada à agricultura de tipo familiar, tendo em conta as necessidades e custos da mão-de-obra na colheita e as especificidades da comercialização.

Em contraponto, é particularmente relevante o crescimento nas últimas décadas de pomares intensivos, com uma gestão empresarial e uma integração em circuitos comerciais organizados, com áreas médias e produções unitárias que atingem ou superam as 10 t/ha, muito superiores aos valores *standard*<sup>20</sup>. Este facto traduz-se numa evolução das áreas superior à evolução que se verifica no número de explorações, bem visível no concelho da Covilhã e especialmente no município do Fundão (Gráfico 6).

Embora esta tendência de profissionalização da produção de cereja não seja exclusiva da Beira Interior, é nesta região agrícola que se nota uma tendência mais clara desta evolução na última década. Com efeito, verifica-se uma tendência de crescimento da área de cerejeiras que não é acompanhada pelo crescimento do número de explorações, o que se traduz num incremento da área média por exploração.

Esta realidade, ainda mais óbvia na Cova da Beira, é o reflexo das alterações estruturais atrás referidas: expansão da área de produção para «fora» da encosta norte da serra da Gardunha, com recurso a novas tecnologias de produção (compassos, cultivares, rega, mecanização, etc.) e, sobretudo, recorrendo a um espaço fundiário com dimensão mais adequada a produções intensivas e a uma agricultura de tipo empresarial.

Numa análise mais local, verifica-se que a cultura da cerejeira é especialmente relevante em algumas das freguesias dos concelhos do Fundão e Covilhã (Figura 2):

No concelho do Fundão, a freguesia de Fundão, Valverde, Donas, Aldeia de Joanes, Aldeia Nova do Cabo (411 ha), e as freguesias de Alcongosta (242 ha) e Castelejo (228 ha);

No concelho da Covilhã a freguesia de Ferro (226 ha), entre outras com menor importância relativa (Vale Formoso e Aldeia do Souto, Peraboa e Tortosendo, etc.).

No entanto, como se referiu anteriormente e com as características também enunciadas, as áreas significativas de pomares estendem-se ao concelho de Belmonte (freguesia de Caria) e ao concelho de Castelo Branco (freguesia de Póvoa de Rio de Moinhos e Cafede e freguesia da Lardosa).

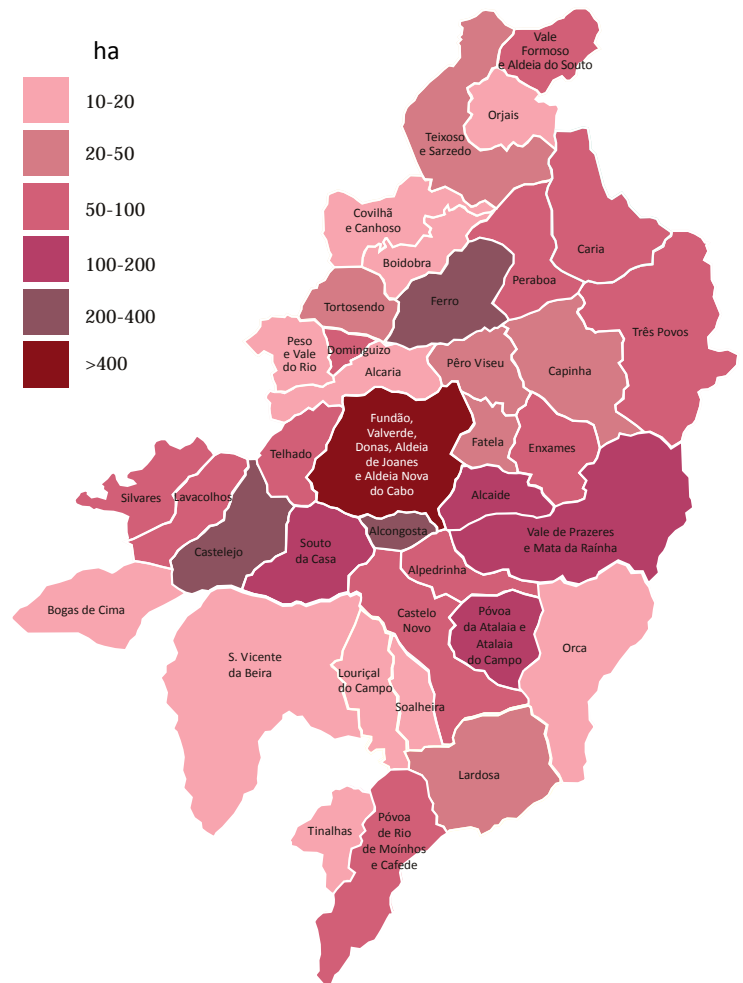
Gráfico 6. Evolução do nº de explorações e superfícies nos concelhos da Cova da Beira



Fonte: INE - RA2019

Figura 2. Superfícies de cerejeira por freguesia

(Freguesias a norte e sul da serra da Gardunha com uma área de cerejeiras superior a 10 ha)



<sup>20</sup> A produtividade média (rácio produção total/área total) é pouco superior a 3 t/ha, mas este valor meramente estatístico deve ser interpretado no âmbito da diversidade produtiva associada à cultura da cerejeira.

## 3.2 Apoios ao Investimento

**As explorações frutícolas que recorrem a apoios públicos ao investimento assentam num modelo de especialização produtiva, com prevalência das prunóideas e em que os jovens agricultores têm um papel determinante.**



Como vimos anteriormente, registou-se um crescimento significativo da superfície de cerejeiras na Cova da Beira nas últimas décadas, em especial entre os recenseamentos agrícolas de 2009 e 2019 (ver gráfico 3).

Este incremento das superfícies de cerejeiras deveu-se em larga medida aos apoios públicos (PRODER e PDR2020)<sup>21</sup> no âmbito de medidas de modernização das explorações agrícolas e de instalação de jovens agricultores, mas com características específicas.

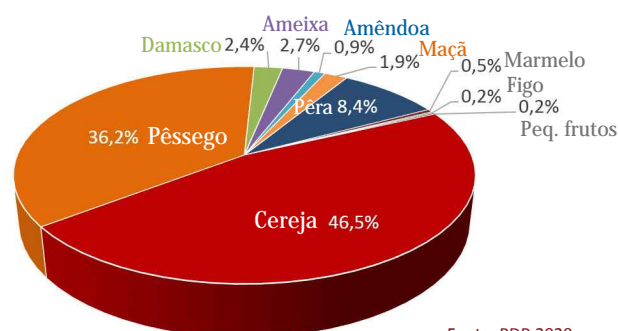
Em primeiro lugar, os investimentos nas plantações de novos pomares de cerejeiras estão quase sempre associados a plantações de outras espécies frutícolas, em particular pessegueiros, damasqueiros e ameixeiras, mas também pomóideas (pereiras e macieiras), isto é, as explorações tornam-se progressivamente especializadas em fruticultura, mas optam por várias espécies de modo a alargarem os períodos de produção/oferta e a minimizarem os riscos internos e/ou externos inerentes a produções de uma única espécie (gráfico 7).

Em segundo lugar, na esmagadora maioria dos casos (incluindo a instalação de Jovens Agricultores)<sup>22</sup>, os investimentos sustentam acréscimos de área no património frutícola das explorações, reforçando volumes de produção das espécies frutícolas já existentes, mas em simultâneo introduzindo novas espécies, como é o caso da figueira, do marmeleiro e dos pequenos frutos (amora,

framboesa, mirtilo ou medronho). Esta recetividade para a inovação/introdução de novas espécies frutícolas poderá, a médio prazo, revelar-se particularmente importante no âmbito da diversificação da atividade frutícola na Cova da Beira.

Finalmente, é relevante o facto de uma parte significativa dos investimentos do PDR2020 fomentarem a modernização de explorações frutícolas, incluindo novas plantações, já anteriormente apoiadas nos diferentes períodos de programação, em alguns casos desde o PAMAF (1994-1999) ou mesmo desde início dos apoios comunitários (Reg. 797/85), ainda que as designações sociais e o enquadramento jurídico das empresas tenham mudado. Esta resiliência, num modelo de modernização contínua e de recetividade aos apoios públicos ao investimento, é uma característica de algumas das principais explorações frutícolas da Cova da Beira<sup>23</sup>.

Gráfico 7. PDR2020 - Novas superfícies de frutos frescos



Fonte: PDR 2020

<sup>21</sup> Os valores e as referências ao investimento dizem respeito ao PDR2020 (2013-2020), isto é não abrangem o período de programação anterior (PRODER – 2007/2013) por indisponibilidade de dados com uma desagregação adequada e comparável. Em termos genéricos, no PRODER, os valores relativos às superfícies plantadas com as diversas espécies, especialmente prunóideas, são muito semelhantes aos verificados no PDR2020.

<sup>22</sup> Mesmo nestes, em muitas situações como veremos, verifica-se um início de gestão de uma exploração já existente, num modelo de substituição de gerações e com diversas espécies frutícolas já instaladas.

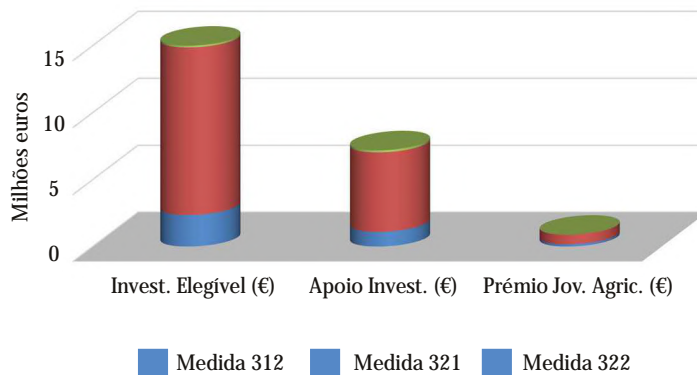
<sup>23</sup> Embora de forma difusa, no âmbito sócio económico, a produção frutícola na Cova da Beira depende em larga medida do equilíbrio entre os setores de atividade. É comum os fruticultores serem em simultâneo agentes do secundário ou do terciário, num modelo de pluriatividade que permite uma intercomunicabilidade entre setores (incluindo aspetos financeiros), num círculo virtuoso que em larga medida aumenta a resiliência social e económica em momentos de crise.

Em termos absolutos, no PDR2020 foram aprovados<sup>24</sup> 80 projetos com investimentos na plantação de cerejeiras e/ou com investimentos diretamente ligados a esta espécie frutícola (máquinas e equipamentos, melhoramentos fundiários, etc.), atingindo um investimento elegível de cerca de 15,2 milhões de euros e um apoio público ao investimento de cerca de 7,2 milhões de euros (Gráfico 8 e Quadro 3).

Estes investimentos foram suportados nas medidas de apoio ao investimento das explorações agrícolas, especialmente na medida 321 – *Investimento na exploração agrícola*, já que a medida 322 – *Pequenos investimentos nas explorações agrícolas*, embora tenha apoiado investimento em plantações, suportou sobretudo pequenos investimentos pontuais em máquinas e equipamentos.

No âmbito das medidas referidas, é particularmente relevante o facto de cerca de 41 % da totalidade dos projetos aprovados serem de jovens agricultores (para a medida 321 – *Investimento na exploração agrícola*, essa percentagem é de 50 %, representando 42% do total do investimento elegível da medida), o que revela importantes indícios de dinamização da fruticultura regional e de manutenção da atividade<sup>25</sup> a médio prazo.

Gráfico 8 . PDR2020 - Investimentos por medida



Fonte: PDR2020

<sup>24</sup> Projetos «enviado ao organismo pagador – IFAP,IP»

<sup>25</sup> Estes valores devem ser avaliados numa perspetiva de substituição de gerações, mas também num contexto de acesso a apoios públicos mais favoráveis por parte dos jovens agricultores e que nem sempre se traduzem de imediato na transferência efetiva de gestão da exploração.

Quadro 3. Investimentos nas explorações agrícolas e novas superfícies de espécies frutícolas \*

Concelho	Medida	Espécies frutícolas (ha)										Invest. Elegível (€)	Apoio ao Invest. (€)	Prémio Jovens Agri. (€)
		Cereja	Pêssego	Damasco	Ameixa	Amêndoa	Maçã	Pêra	Marmelo	Figo	Peq. Frutos			
BELMONTE	312	0,0	13,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	243 475	109 564	30 000
	321	0,0	46,0	0,0	0,0	0,0	0,0	2,1	0,0	0,0	0,0	722 389	332 489	80 000
	322	1,3	2,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,9	0,0	0,0	0,0	26 715	13 358	0
	<b>total</b>	<b>1,3</b>	<b>61,8</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>	<b>3,0</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>	<b>992 579</b>	<b>455 410</b>	<b>110 000</b>
CASTELO BRANCO**	312	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	321	4,7	33,6	4,1	0,0	0,0	0,0	2,5	0,0	0,0	0,0	1 494 834	594 808	0
	322	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	11 278	5 639	0
	<b>total</b>	<b>4,7</b>	<b>33,6</b>	<b>4,1</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>	<b>2,5</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>	<b>1 506 111</b>	<b>600 447</b>	<b>0</b>
COVILHÃ	312	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0	0	0
	321	64,3	56,0	6,4	0,0	3,0	0,0	1,9	1,0	0,0	0,0	3 060 607	1 517 771	238 750
	322	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	8 261	4 131	0
	<b>total</b>	<b>64,3</b>	<b>56,0</b>	<b>6,4</b>	<b>0,0</b>	<b>3,0</b>	<b>0,0</b>	<b>1,9</b>	<b>1,0</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>	<b>3 068 868</b>	<b>1 521 902</b>	<b>238 750</b>
FUNDÃO	312	33,5	0,0	0,0	9,9	0,0	0,0	12,0	0,0	0,0	0,0	2 107 371	983 379	135 000
	321	198,6	83,1	5,2	7,8	3,0	12,8	35,1	2,0	1,3	1,5	7 235 405	3 490 704	400 000
	322	3,7	3,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,9	0,0	0,0	0,0	267 639	133 820	0
	<b>total</b>	<b>235,8</b>	<b>86,8</b>	<b>5,2</b>	<b>17,7</b>	<b>3,0</b>	<b>12,8</b>	<b>48,1</b>	<b>2,0</b>	<b>1,3</b>	<b>1,5</b>	<b>9 610 416</b>	<b>4 607 902</b>	<b>535 000</b>
COVA DA BEIRA**	312	33,5	13,8	0,0	9,9	0,0	0,0	12,0	0,0	0,0	0,0	2 350 847	1 092 943	165 000
	321	267,5	218,7	15,7	7,8	6,0	12,8	41,6	3,0	1,3	1,5	12 513 235	5 935 772	718 750
	322	5,0	5,7	0,0	0,0	0,0	0,0	1,8	0,0	0,0	0,0	313 893	156 946	0
	<b>total</b>	<b>306,0</b>	<b>238,1</b>	<b>15,7</b>	<b>17,7</b>	<b>6,0</b>	<b>12,8</b>	<b>55,5</b>	<b>3,0</b>	<b>1,3</b>	<b>1,5</b>	<b>15 177 974</b>	<b>7 185 661</b>	<b>883 750</b>

Notas: 1- Medida 312 - Instalação de Jovens Agricultores  
 2 - Medida 321 – Investimento nas explorações agrícolas  
 3 - Medida 322 - Pequenos investimentos nas explorações agrícolas

\*O investimento refere-se à totalidade do projeto que inclui outras rubricas para além das plantações

\*\*A inclusão do concelho de C. Branco, que não pertence à Cova da Beira, deve-se à importância das freguesias a sul da serra da Gardunha na produção de cereja, como já anteriormente referido.



### 3.3 Calendário de produção e cotações

*A produção de cereja na Cova da Beira estende-se do início de maio a meados de julho, com cotações tendencialmente decrescentes ao longo do ciclo produtivo, mas com variações pontuais em função da qualidade da oferta e dos agentes económicos envolvidos na fileira.*

A produção comercial de cereja na Cova da Beira, em termos médios, estende-se do início de maio a meados de julho (figura 3), embora exista oferta local em volumes reduzidos desde a última semana de abril até ao final de julho – no primeiro caso por via de cultivares muito temporãs cultivadas sobretudo a sul da serra da Gardunha<sup>26</sup> e, no segundo caso, devido a cultivares instaladas nas cotas mais elevadas da encosta norte da serra da Gardunha.

De acordo com dados do SIMA<sup>27</sup>, as cotações de cereja acompanham o calendário de comercialização numa tendência decrescente, seguindo assim uma lógica de mercado, isto é, os preços diminuem à medida que a oferta aumenta (gráfico 9). Embora seja esta a tendência geral, ela não revela alguns pormenores importantes que se foram alterando ao longo das últimas décadas.

Em primeiro lugar, a cotação elevada no início do ciclo produtivo, suportada numa oferta muito reduzida e numa procura relativamente indiferente a preços (efeito novidade), tem sofrido alterações ao longo do tempo - há algumas décadas era essencialmente baseada em cultivares de baixa/média qualidade<sup>28</sup>, mas muito temporãs, para nos últimos anos se centrar em cultivares também temporãs, mas de elevada qualidade e intencionalmente instaladas em zonas que permitem uma maturação antecipada.

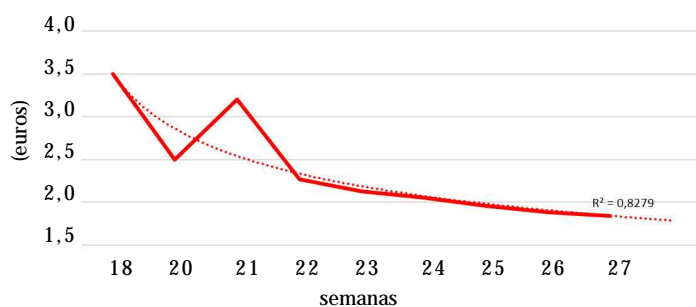
Em segundo lugar, o “excesso de oferta”<sup>29</sup> na segunda quinzena de maio e/ou primeira quinzena de junho, muito dependente das condições meteorológicas, em que geralmente se concentra a maior parte da produção – oferta simultânea de cultivares de baixa/média qualidade e de elevada qualidade, com efeitos nefastos nas cotações. Também neste caso se verificou uma tendência de substituição progressiva das cultivares de menor qualidade em termos de calibre e resistência dos frutos por cultivares de maior qualidade, tendo-se atenuado esta tendência. Apesar disso, a ainda débil organização da fileira, aliada à quase inexistência de uma via agroindustrial<sup>30</sup> e a um peso relativo insignificante da exportação, contribuem para que a situação ainda se mantenha.

Figura 3. Calendário de produção e comercialização da cereja

Zonas de produção/meses	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Trás-os-Montes												
Resende												
Cova da Beira												
Portalegre												

Fontes: Adaptado de GPPA/SIMA e CERFUNDÃO

Gráfico 9. Evolução das «cotações mais frequentes»\* de cereja na Cova da Beira (2014-2020)



Fonte: GPP/SIMA

\* Médias simples das cotações mais frequentes de cereja, à saída da estação fruteira, embalada, categoria I, calibres 22-24 mm, 24-26 mm, 26-28 mm e > 28 mm, nos anos considerados

<sup>26</sup>De um modo genérico, para a mesma cultivar, as maturações a sul da serra da Gardunha ocorrem uma a duas semanas antes das maturações a norte da serra da Gardunha.

<sup>27</sup>Serviço de Informação de Mercados Agrícolas.

<sup>28</sup>Algumas das cultivares “regionais”, também designadas genericamente por “cerejas de abril”.

<sup>29</sup>“Excesso de oferta” tendo em conta a capacidade de escoamento dos circuitos de comercialização predominantes ao longo das últimas décadas e relativamente desligada da procura potencial.

<sup>30</sup>A agroindústria foi durante muitos anos considerada a melhor alternativa para a produção de cerejas de menor qualidade no período em que se regista um “excesso de produção”. Esta alternativa nunca teve uma tradução prática significativa, quer porque os preços, muito condicionados pela oferta externa, eram incompatíveis com os custos de produção e muito inferiores aos preços do mercado em fresco, quer porque essa procura era reduzida.

Finalmente, os fenómenos meteorológicos extremos ou de ocorrência imprevisível que cada vez mais têm um peso muito significativo nas campanhas de produção e comercialização de cereja. Independentemente do grau de cobertura destes fenómenos meteorológicos pelo sistema de seguros agrícolas<sup>31</sup>, o resultado final é sempre uma quebra da produção e uma qualidade da oferta muito condicionada, com efeitos nas cotações e no rendimento dos fruticultores. A resolução deste problema na Cova da Beira será certamente um dos desafios da próxima década, quer para a produção de cereja, quer para as prunóideas em geral<sup>32</sup>.



<sup>31</sup> Os anos de 2020 e 2021, embora com diferentes causas e consequências, são dois exemplos recentes de como os acidentes climáticos condicionam a produção de cereja e revelam também algumas fragilidades desses seguros assim como um grau de adesão relativamente baixo.

<sup>32</sup> Os recentes apoios específicos à instalação de coberturas são um primeiro sinal na tentativa de mitigação deste problema.

## 3.4 A organização da fileira e os circuitos comerciais

***Estima-se que o valor da fileira da cereja da Cova da Beira, incluindo o seu impacto na economia regional, atinja cerca de 20 a 25 milhões de euros anuais. A produção é regulada por duas Indicações Geográficas Protegidas e dispõe de Organizações de Produtores reconhecidas, mas é dependente de circuitos de comercialização cuja maioria dos agentes atuam à margem destas estruturas organizadas.***

A «Cereja da Cova da Beira» é uma Indicação Geográfica Protegida (IGP)<sup>33</sup> desde 1996, abrangendo a área geográfica de três concelhos – Belmonte, Fundão e Covilhã.

Mais recentemente, em 2018 a nível nacional<sup>34</sup> e em 2020 a nível comunitário<sup>35</sup>, foi criada a denominação «Cereja do Fundão»<sup>36</sup>, como Indicação Geográfica Protegida (IGP), circunscrita à totalidade do concelho do Fundão e às freguesias limítrofes a sul do Louriçal do Campo e Lardosa (concelho de Castelo Branco), e a norte às freguesias de Ferro e Peraboa (concelho de Covilhã).

<sup>33</sup> REGULAMENTO (CE) Nº 1107/96 DA COMISSÃO, de 12 de Junho de 1996, relativo ao registo das indicações geográficas e denominações de origem nos termos do procedimento previsto no artigo 17º do Regulamento (CEE) nº 2081/92 do Conselho.

<sup>34</sup> Despacho n.º 2337/2019, Diário da República n.º 48/2019, Série II de 2019-03-08. Determina que seja conferida, a nível nacional, proteção à denominação «Cereja do Fundão» como Indicação Geográfica, com efeitos a partir de 9 de agosto de 2018.

<sup>35</sup> REGULAMENTO DE EXECUÇÃO (UE) 2020/431 DA COMISSÃO, de 16 de março de 2020, relativo à inscrição de uma denominação no registo das denominações de origem protegidas e das indicações geográficas protegidas [«Cereja do Fundão» (IGP)].

<sup>36</sup> De acordo com o caderno de especificações da IGP Cereja do Fundão «entende-se por "Cereja do Fundão" o fruto fresco proveniente de cerejeira ("Prunus avium L.") que tem como principais características: (i) Calibre igual ou superior a 24 mm; (ii) Consistência com índice Durofel igual ou superior a 60 unidades; (iii) Coloração entre o índice 2 e o 6 da tabela de cores para cereja do Centre Technique Interprofessionnel des Fruits et Légumes (CTIFL); (iv) Conteúdo de sólidos solúveis iguais ou superior a 12º Brix. A área geográfica de produção da "Cereja do Fundão" é circunscrita ao concelho do Fundão, às freguesias de Louriçal do Campo e Lardosa (concelho de Castelo Branco) e às freguesias de Ferro e Peraboa (concelho de Covilhã).»

Esta nova denominação coloca no «Fundão» a centralidade da produção de cereja (Figura 4), aliando-a ao respetivo município que, como anteriormente se referiu, detém 70 % das explorações e 78 % da respetiva área de cerejeiras dos municípios da Cova da Beira.

Para além desta realidade, o que importa é saber em que medida esta centralização da imagem comercial da cereja se traduz em efeitos qualitativos na organização da fileira e, em última análise, em benefícios económicos para os produtores. É muito cedo para uma análise efetiva, tanto mais que as duas últimas campanhas foram (e estão) a ser fortemente afetados por factores externos (pandemia e fenómenos meteorológicos extremos). Saliente-se, no entanto, o notável esforço de *marketing* a nível nacional entretanto efetuado, imprescindível na afirmação da marca.

A fileira da cereja na Cova da Beira tem registado alterações que acompanham a evolução dos mercados, nomeadamente a entrada nos circuitos comerciais da grande distribuição, a regressão do peso dos intermediários/camionistas locais, ou de outras regiões, e mesmo a diminuição relativa do mercado do «Alcambar» que, durante muitos anos, constituiu o espaço físico de comercialização de uma parte significativa da produção de cereja<sup>37</sup>.

Esta evolução é, do lado da oferta, em grande parte suportada pelo surgimento de produtores especializados que criaram os seus próprios circuitos comerciais, normalmente ligados à grande distribuição. São em geral independentes da organização dos mercados locais e suportam a atividade na oferta de diversos produtos frutícolas (cereja, pêssego, alperce, ameixa, etc.) de modo a prolongarem o calendário de comercialização. Ainda que em pequeno número, detêm uma oferta significativa e comercialmente determinante na produção local, incluindo a formação de preços.

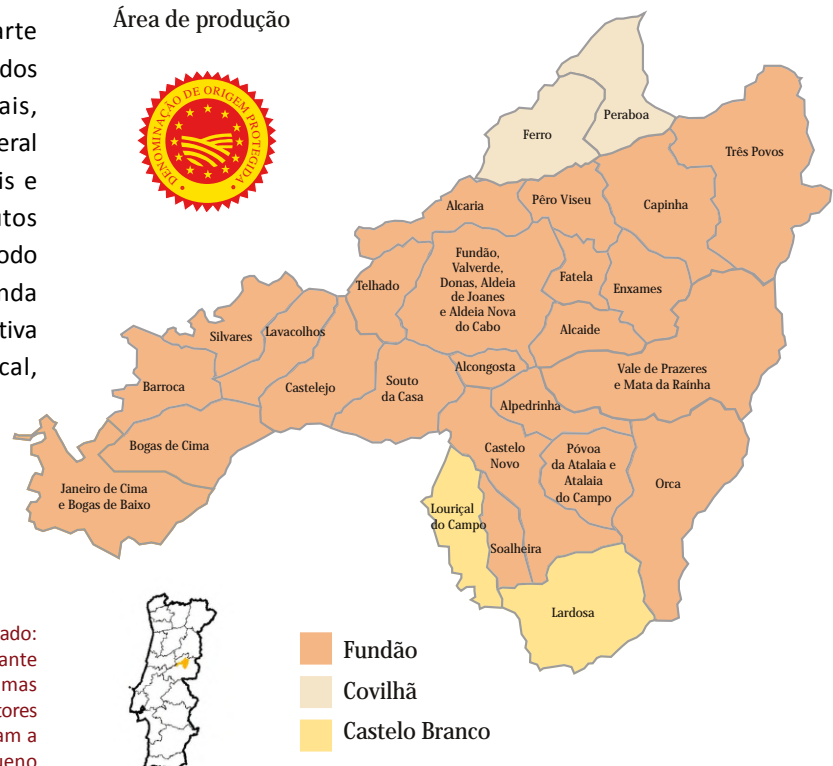
<sup>37</sup>O «Alcambar» é tipicamente o mercado físico na acessão de mercado: o local onde se encontram produtores e compradores para, mediante um determinado preço, transacionarem um produto. Com algumas características próprias: a oferta é essencialmente de pequenos produtores de cereja e a procura é de intermediários/camionistas que colocam a cereja nos mercados abastecedores (Lisboa e Porto) ou no pequeno comércio das zonas turísticas (Algarve) e mesmo na restauração. Estes intermediários/camionistas têm a vantagem de serem agentes económicos com reduzidos custos fixos e elevada maleabilidade e adaptabilidade às variações de mercado (tradicionalmente comercializam cereja para os mercados referidos e, no retorno, comercializam futas e hortícolas não disponíveis nos mercados locais da Cova da Beira, reduzindo assim os custos de exploração).

A criação de organizações de produtores (OP) no setor das frutas e hortícolas e o seu reconhecimento como agrupamento de produtores (AP) é um processo relativamente complexo e moroso. Na Cova da Beira existem duas organizações reconhecidas: a Sociedade Agrícola da Quinta dos Lamaçais e a CERFUNDÃO, ambas com uma atividade relativamente modesta.

De acordo com dados disponíveis, apenas a CERFUNDÃO tem uma atividade relevante, ainda que com valores muito aquém dos espetáveis. De facto, a CERFUNDÃO comercializou na última campanha (2020) cerca de 407 toneladas de cereja<sup>38</sup>, a um preço médio de 3,21 €/kg, isto é, cerca de 5 % da produção de cereja da Cova da Beira, embora esta constatação careça de uma análise cuidadosa sobre um conjunto significativo de aspetos, nomeadamente: custos de contexto relativos à criação de organizações de produtores; adequação das organizações de produtores aos objetivos que lhes estão

**Figura 4. Delimitação geográfica da Indicação Geográfica Protegida (IGP) «Cereja do Fundão»**

Área de produção



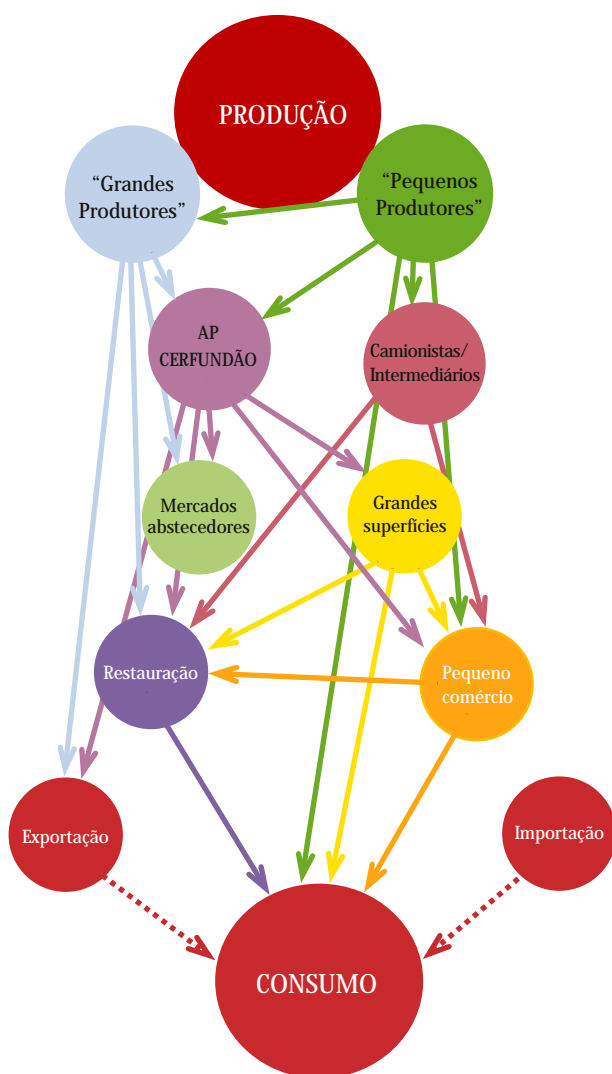
Fonte: DGADR-DQRG 2020

<sup>38</sup>A CERFUNDÃO comercializa outras frutas. No ano referido comercializou também ginja, mirtilo, groselha, marmelo, pêssego, nectarina, alperce, figo, maçã e pera, num total de cerca de 1230 toneladas e um valor de cerca de 1,8 milhões de euros.

subjacentes e às especificidades regionais; causas do fraco grau de adesão dos produtores e forma de as ultrapassar; integração da organização de produtores na cadeia de valor dos produtos hortofrutícolas.

Relativamente à produção certificada, de que se dispõe de dados (IGP Cova da Beira, Cereja de S. Julião – Portalegre DOP e Ginja de Óbidos e Alcobaça IGP), os valores dos anos 2010-2018 apontam para um peso da produção certificada na produção total, em quantidade, inferior a 1%, à exceção dos anos de 2013 e 2014 em que se aproximou de 1,3 %.

Figura 5. Circuitos de comercialização



Nota:

Apesar dos numerosos contatos com os operadores de mercado, o objetivo de quantificar os fluxos comerciais revelou-se extremamente complexo e sem a fiabilidade necessária a uma coerente avaliação da situação. Neste contexto, mantemos o quadro genérico global, ainda que também ele sujeito a alterações, como ponto de partida para uma futura reavaliação.



## 2. Comércio externo

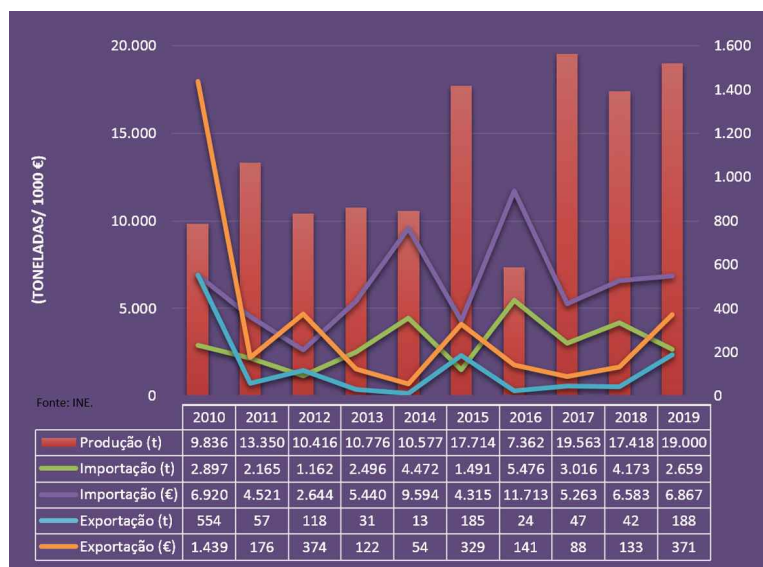
*O comércio externo de cereja é caracterizado por um volume de importações relativamente elevado (cerca de 20 % da produção nacional) e por exportações com valores residuais.*

Nos últimos anos<sup>39</sup>, o consumo aparente situou-se nas 21 000 toneladas<sup>40</sup>, o autoaproveitamento em 85 %, o preço médio de exportação em 3,23 €/kg (com grandes variações: 5,90 €/kg em 2016 e 1,97 €/kg em 2019) e o preço médio de importação em 2,01 €/kg.

A origem das importações, assim como o seu valor, tem uma variação anual muito grande. Por exemplo, nos últimos 2 anos (2018 e 2019) as importações tiveram origem sobretudo em Espanha (cerca de 99 % em 2018 e de 98 % em 2019 do total das importações de cereja), mas com variações muito significativas quer na quantidade quer no preço (mais de 4 100 t em 2018 e cerca de 2 600 t em 2019, com preços médios 1,57 €/kg e de 2,58 €/kg, respetivamente). Os restantes países dos quais Portugal importa cerejas são essencialmente a Itália e a Alemanha, na EU, e o Chile (neste caso com preços médios mais elevados, próximos dos 9 €/kg, decorrentes de uma oferta em contraciclo com o hemisfério norte, mas sem significado nos valores globais).

Relativamente às exportações, também nos dois anos referidos, verifica-se um padrão semelhante no que diz respeito às variações de quantidades e preços, mas com um significado muito inferior – as exportações são irrelevantes em 2018 e 2019, não ultrapassando as 190 t e um valor próximo dos 370 000 €. Nos países de destino, para além da EU (Espanha e Alemanha, entre outros), surgem os PALOP's, nomeadamente Cabo Verde e Angola.

**Gráfico 10. Evolução do comércio externo nacional de cereja**



<sup>39</sup> Com base em dados do INE

<sup>40</sup> Consumo aparente= Produção + Importação - Exportação



## Referências

### Documentos:

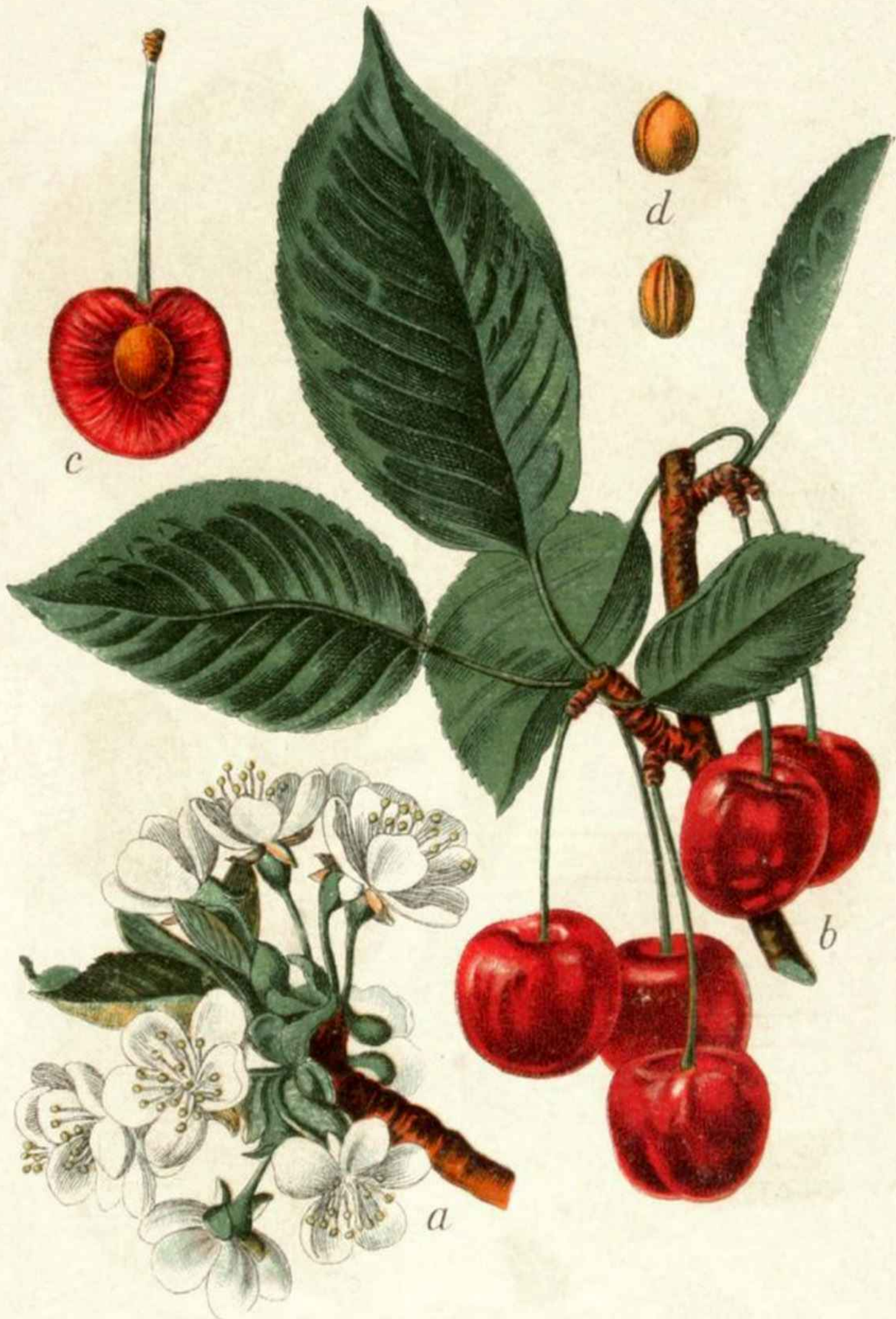
- CARVALHO, M.L.J.S.C.M. *Caracterização do pomar de cerejeira na Cova da Beira. Modelação da fenologia da cerejeira (Prunus avium L.)*. UTL-ISA, 1994.
- Lopes, Celso; Alberto, D; Luz, J.P.; Simões, M.P. *Agricultural Policies Applied to Integrated Fruit Production in Beira Interior: The Case Study of The Stone Fruits Sector in Cova da Beira*. 2017.
- Costa, Filipe M. M. *Avaliação das Características Agonómicas da Cerejeira “de Saco” na Região da Cova da Beira*. UTL-ISA, 2006.
- Delgado, F.; Brás, A.P. *O Mercado da Cereja da Cova da Beira*. SIMA, 1992.
- Dias, Cláudia S.L. *A Fileira da Cereja da Cova da Beira*. IPCB, 2012.
- DRAPCentro. *Programa de Desenvolvimento Rural da Região Centro. Fileiras Estratégicas. Frutos Frescos. Cereja*. 2007.
- MADRP. GPP. Cereja. 2007.
- Oliveira, Tiago S. *O Marketing da Cereja da Cova da Beira. A marca “Cereja do Fundão” e o seu impacto no concelho do Fundão*. UBI, 2015.
- Queirós, F. *Manual de Boas Práticas de Fruticultura. 2º Fascículo – Cereja*. INIAV, I.P.
- Santo, C. E. et al. *Estudo de Conservação sob Atmosfera Controlada na Qualidade da Cereja cv. Satin*. CATA, IPCB-ESA, CERNAS, UBI, C-MAST.
- Rodrigues, Isabel; Fabiola, S.G.; Dentinho, T.P. *Trade-offs between cherry production and endemism conservation in serra da Gardunha, Portugal*. Revista Portuguesa de Estudos Regionais, núm. 20, 2009, pp. 119-126.
- Rodrigues, A.; Chagas, G.; Orgaz M.; Dolores, M. *Relação entre a Variabilidade Climática e a Produção de Cereja*. Universidade de Aveiro

### Sites principais:

- CERFUNDÃO <https://www.cerfundao.pt/pt/home>
- DGADR <https://tradicional.dgadr.gov.pt/pt/zona-geografica/centro>
- FAO <http://www.fao.org/faostat/en/#data>
- GPP <https://www.gpp.pt/index.php>
- IFAP <https://www.ifap.pt/>
- INE [https://ra2019.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ra2019\\_main&xpid=RA2019](https://ra2019.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ra2019_main&xpid=RA2019)
- Município do Fundão <https://www.cm-fundao.pt>
- PDR2020 <http://www.pdr-2020.pt>
- EU [https://ec.europa.eu/info/statistics\\_pt](https://ec.europa.eu/info/statistics_pt)

### Outros sites:

- <https://www.statista.com/statistics/739339/global-top-cherry-producing-countries>
- <https://www.freshplaza.com/article/9123616/overview-global-cherry-market>
- <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/StoneFruit.pdf>
- <https://www.freshfruitportal.com/news/2019/07/18/chinese-cherry-production-imports-to-rise-in-2019-20>
- <https://www.worldatlas.com/articles/the-leading-producers-of-cherries-in-the-world.html>
- [https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52019XC1104\(01\)](https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52019XC1104(01))
- <https://www.worldstopexports.com/sweet-cherries-exports-by-country>
- <https://inovacao.rederural.gov.pt/grupos-operacionais/13-projectos-grupos-operacionais/97-grupo-operacional-para-a-valorizacao-da-producao-da-cereja-de-resende-e-posicionamento-da-sub-fileira-nos-mercados>





[www.drapc.gov.pt](http://www.drapc.gov.pt)